

---

*Por que eu suspiro?*

*“Que importa restarem cinzas  
se a chama foi bela e alta?  
Em meio aos toros que desabam  
cantemos a canção das chamas!”  
(Mario Quintana)*

Talvez fosse pelas ondulações amareladas, quem sabe avermelhadas, um tanto quanto rubras, que recobriam aquele amontoado de nódoas. Eu não sabia desvendar o segredo daquele fulgurar todo, daquele emaranhado de cores desatinadas. Juro que ficava atento a tudo, pra tentar compreender, e quando mais me envolvia, e o vento levantava e alvoroçava aquela nesga de coloridos, meus olhos neblinavam-se e marejavam, e sem nexo eu ficava, e me perdia.

Queria desvendar teu corpo, quando a brisa fazia aquilo tudo se remexer. Lenha, lenha, lenha, crepitando em meu desejo, desfigurando. E em cinzas nada mais restaria. Mas ele não era cinzas, era o elemento renovado. Surgindo, assim do nada, sendo o tudo que viria transformar, reviver, revitalizar.

As cigarras começaram a embalar à tardinha que se aproximava, os meneios das asas sobre os pés de ingás tornavam o canto doce. Era lira, poesia, entardecer de cruz e sofrimento. Sentei-me do lado esquerdo de um banco azul grená todo recoberto por folhagens úmidas. E chorei. Chorei, pois com medo de não ter o fátuo relampejar daquelas cores concatenadas.

Viéreis meu benzinho, trazendo óleo santo, de esperança e salvação. Condensando meu profano no teu arcano. E enxugando as lágrimas, postas de geléia derretida em banho-maria, sabor e odor de pêra madura. E como nunca eu precisava desvendar o segredo daquele espírito. Leão, Sagitário, Áries? Diferentes arquiteturas da pequenez da minha impotência.

Sabia que logo seria apenas fumaça, vapor de forno. E se afastaria e me afugentaria. Desejos terrenos, retorno, eterno.

A folha da figueira seria para nós dois o estado embrionário de paixão. Traria-te o Sol enquanto os anjos te dariam apenas as setas.

Cheiro de terra molhada, a brisa veio, a lua se mostrou, e a escuridão se fez. E o encanto aumentou. Porque os raios de sol continuaram na carne do teu corpo.

Vou pedir aos deuses que não percas os relâmpagos da tua cabeça dourada. Vou pedir que teus olhos sejam sempre ouro e faísca.

Sagrado Coração de Jesus, Iansã, fadas, elfos, faunos, Maria Santíssima, sereias de luz e água, dai coragem, força e sustentação para ser maior que o desejo ardente.

Ele se acende quando o dia amanhece e fica assim pelo resto do dia, mesmo na negritude bela da noite morta de luz.

Quero solução sim, pois quero descansar do meu penar. Espero a madrugada, a observar ele perto da amendoeira. A noite foi se ilustrando, ninguém ouvindo o meu soluçar de dor. Mas que agonia. Devia correr até ele, arrancar o sol posto em sua cabeça, o oiro trinado, beijar de leva a boca, morder o lábio, e entoar uma barcarola portuguesa no ouvido dele. E derreter-me, e molificar-me.

---

Eu também luto, poxa. Contra isso, contra essa coisa que arde nas entranhas e me incomoda. Mas é luta vã, lutar contra instintos do amor.

Lento, lento, lento, lento, feito gato siamês buscando o novelo de lã. Aproximo-me. Declino meu corpo, pés descalços, beijo, adoração. Venero suas coxas moles, brancas. Observo sua manta de chita branca, tecida por fiandeiras nórdicas, assim ao vento, levando.

Eu estou a seus pés, vendo seu sexo nervoso, notando seu púbis bem delineado, seus pêlos loiros, sua barba rala, seu alvorecer.

Ah, como me perco, e num piscar, luz e luz, ele declina-se sobre mim, cai comigo na grama molhada pelo orvalho do aproximar da manhã.

Era um anjo? Era um ser satânico? Era um menino? Era uma dama da Belle époque? Era um, um sonho?

Não, eu estava vivo, acordado, corando as minhas faces. Eu belisquei meu braço, e senti a dor pungente, e vi, vi que era real, que era epifânico, que era mítico, que era menta misturada com chocolate.

Quanta beleza, quanto fulgor, quantos fios luzidios.

Um alegre canto se faz, e no meu peito a brasa, e no meio peito o álcool.

E assim, num passe de mágica, ele se foi, não sei se pelo subterrâneo ou pelo carmim do céu amanhecendo. E num passe de mágica eu fiquei com o dourado dele em meio colo, sentindo a cabeça recostada no meu ombro.

E andei até a praia, sentindo a areia fria sobre os meus pés, e a água gelada apagava aos poucos a brasa que em mim ele deixou.

“Ondas do mar de Vigo”, trouxe-me de volta o cheiro de caramelo e baunilha dele. “E ay Deus”, como quero meu amor novamente.

E eu vi no céu, e eu sei que vi, os cachos amarelos dele, bailando com as nuvens. E descobri que ele não era humano, e muito menos sobrenatural. Era elemento: FOGO.

Felipe Freitag